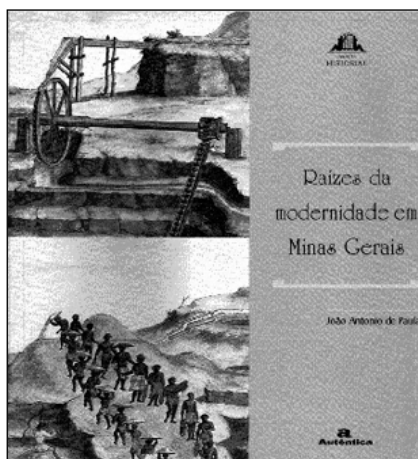


A MODERNIDADE EM MINAS SEGUNDO JOÃO ANTÔNIO DE PAULA

Irlen Antônio Gonçalves*



PAULA, João Antônio de. *Raízes da modernidade em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 156p.

Apresentando Minas Gerais como matriz da modernidade no Brasil, *Raízes da modernidade em Minas Gerais* busca descortinar essa gênese esforçando-se em “fixar as maneiras como as instituições da modernidade foram transplantadas e aclimatadas à realidade mineira nos séculos XVIII e XIX” (p. 8).

Há algo de surpreendente nessa busca de entendimento das raízes modernas de Minas. A começar pela afirmação de uma modernidade transplantada e aclimatada a partir do século XVIII, cuja origem não é a Revolução Industrial e nem a

Francesa, mas sim uma “invenção ibérica”, com a contradição de vê-la no seu aspecto de modernidade periférica. Assim sendo, Portugal aparece como marco dessa invenção Ibérica de modernidade, pois foi lá que “se constituiu o primeiro Estado-Nação moderno (...) que eclodiu a primeira revolução burguesa no Ocidente; que as grandes navegações, a expansão marítima, as conquistas da África, Ásia, a invenção do Novo Mundo” nasceram (p. 18).

O entendimento dos sistemas modernos efetivar-se-á por meio do esforço da compreensão das especificidades das imposições do sistema urbano, estatal, cultural, religioso e monetário-mercantil. E, nesse âmbito, a construção das cidades se apresentará como elemento descortinador de tais sistemas. A descoberta do ouro e a ocupação do território mineiro no final do século XVII irão determinar, já no início do século XVIII, a criação de vilas, espalhando pelo restante da capitania a “vocalização semeadora de cidades”. E será como cidade que Minas resplandecerá moderna, significando “um novo padrão de sociabilidade”, permitindo “novas relações políticas e econômicas”, moldando “novos costumes, sensibilidades e mentalidades”.

O livro contribui com a reflexão da constituição do espaço urbano enquanto espaço moderno sob a perspectiva da modernidade como significado de “emergência de instituições, de valores, de concepções, de atitudes, de modos específicos de vivência do tempo, de apropriações do espaço, de produção e reprodução material, de organização da vida política, de vivências subjetivas”, que irão marcar o projeto civilizatório mineiro.

Nele o autor discute cinco temas na seguinte sequência: a modernidade ocidental e sua versão mineira; a constituição da estrutura urbana de Minas Gerais; a complexa e diversificada economia mineira; a herança colonial e suas marcas sobre o Estado e a sociedade mineira e as vicissitudes da vida política e cultural em Minas Gerais. Todo empreendimento será abordado tendo como referência teórico-conceitual a análise histórico-sociológica weberiana, a historiografia da École des

*Doutorando em Educação. Professor de História da Educação da Faculdade de Ciências Humanas do Centro Universitário FUMEC.

Annales e do marxismo, dentre outras perspectivas historiográficas. A análise da cidade enquanto diversidade, conceito desenvolvido por Weber, será o ponto de partida da gênese da modernidade.

Dentre as várias possibilidades de caracterização e conceituação da terminologia modernidade, reconhecendo a pluralidade e a polissemia do termo, o autor opta em destacar a proposta de Burckhardt (p. 17), que agrupa os três grandes fatores da civilização: o Estado, a religião e a cultura, tendo nesse último a influência que exerce sobre os outros e, bem assim, as interações recíprocas desenvolvidas entre eles, que determinarão o que será entendido como modernidade.

Junto a isso, inclui o conceito de sistema, designado por Lalande (p. 17), que o concebe como idéia que remete à interação recíproca, à múltipla fecundação, às referências cruzadas e às idéias de rede. Irá tratar a genealogia da modernidade a partir dos sistemas vivenciados em Minas: estatal, cultural, religioso, urbano e monetário-mercantil.

O autor enfatiza o caráter periférico e contraditório da modernidade ibérica, que se lança no ensejo da busca pelo lucro, com a caracterização da ruralização, da fragmentação do poder político, do localismo, da hegemonia religiosa, da estratificação da estrutura social e da dependência. Ele considera legítimo afirmar que não há apenas uma modernidade em Minas, mas sim várias modernidades.

A constituição da estrutura urbana de Minas tem a sua marca na descoberta e na exploração do ouro, mas isso por si só não explicará o desenvolvimento da modernidade urbana. A produção aurífera representou uma atividade bastante significativa para a expansão urbana, mas com a duração do seu auge muito curta, não foi satisfatória a geração da sua exploração para a Capitania, senão exportada para a Metrópole na sua totalidade. Para Minas, o que foi desencadeado a partir do ouro será a marca da sua estruturação: diversidade e complexidade. Assim, “a urbanização mineira não foi produto direto e linear da geração de riqueza, mas da forma como esta riqueza foi produzida e distribuída, da estrutura da propriedade e da renda, do padrão monetário e mercantil prevalecente etc.” (p. 43).

A estrutura moderna da urbanização mineira é diversa e complexa. Nas construções civis e edificações religiosas estarão presentes, além da qualidade técnico-artística, os materiais pedrasabão, madeira e alvenaria que darão a beleza e suntuosidade da obra de arte da arquitetura citadina. Nos serviços prestados, os grandes artesãos, um grupo de médicos, juristas, comerciantes, escritores, dentre outros.

Complexa pelas riquezas produzidas e não consumidas. Riqueza que se esvai, no princípio exaurida pela subordinação à metrópole e depois pelo domínio do capital inglês. A colônia e o império “são sujeitos parciais e objetos absolutos da dominação externa” (p. 48). Complexa, também, pelo caráter contraditório: uma “Colônia rica na geração de excedentes que são carregados para o exterior, deixando no lugar a estagnação, a pobreza e o brilho mortiço do antigo fausto” (p. 46). Essa realidade urbana constituída não pode ser explicada linearmente, como se apenas fosse transplantada uma modernidade da metrópole para a periferia, mas há de se considerar como essa modernidade foi apropriada no território mineiro.

Os problemas relacionados à corrida do ouro induziram o poder metropolitano a impor o aparato estatal – polícia, justiça e fisco – à Colônia, pela primeira vez, como forma de controle da produção aurífera e seu conseqüente escoamento para a metrópole. Esse tipo de imposição marcará o destino da formação social colonial. Essa imposição pode ser relativizada, levando-se em conta que não funcionava linearmente: a metrópole mandava e a colônia obedecia. Assegura-se que a imposição bem como a obediência adquiriram desdobramentos e contornos particulares.

Destarte que a estrutura social irá refletir o modelo de imposição, caracterizando-a em seus múltiplos de diversidade e complexidade nos campos econômico, social e cultural. Dessa forma, os reflexos irão desencadear circunstâncias verificadas na estrutura da propriedade, no regime de trabalho, na urbanização, no padrão de distribuição da renda, na organização da escola e em outras mais circunstâncias.

Será na condição de colônia que Minas irá construir suas especificidades sociais, econômicas, políticas e culturais. Nesse caso, tomando a cultura como elemento que exerce influência sobre o social, o econômico e o político, ela receberá um tratamento de sistema cultural, exercendo espaço competente para a “formação das identidades coletivas” e “síntese dos processos subjetivos-objetivos a partir dos quais as sociedades constituem seus mecanismos de integração e produção de hegemonia” (p. 113). Um sistema cultural abrangente “que tanto produziu instituições quanto símbolos, mentalidades e representações” (p. 117). Sistema cultural presente na cor, na comida, no jeito de fazer política, na música, na arte, na arquitetura, na técnica, no convívio, e muito mais. Cultura diversa, como diversa é a Minas Gerais.

Trata-se de um livro de supina importância para a história de Minas Gerais. Nele, abrem-se questões das mais largas e amplas temáticas e fecham-se poucas. Talvez não deveria ser esperado algo tão fechado ao se tratar de algo tão complexo e diverso, como o é Minas, que não é à toa que são muitas gerais, como nos lembra o mineiro Guimarães Rosa: “pois Minas é muitas. São, pelo menos, várias Minas”.